

30 JAN 1996

ESTADO DE SÃO PAULO

POLÍTICA ECONÔMICA

96 Economia - Brasil

Desafio é exportar mais, diz Chico Lopes

Para o diretor do BC, desenvolvimento não deve ter como base dinheiro de investidores externos

NILTON HORITA

O grande desafio do governo, a partir de agora, é encontrar uma fórmula que consiga aumentar as exportações sem utilizar a taxa de câmbio como ponto de apoio, além de estimular a taxa de poupança da sociedade. Está cada vez mais distante a idéia de se fundar o funcionamento da economia na poupança externa, uma fonte de recursos que se mostrou frágil no episódio da crise mexicana do final de 1994. O diretor do Banco Central Francisco Lopes declarou que não se pode planejar o desenvolvimento do Brasil com base no dinheiro dos investidores internacionais.

Lopes acrescenta que o governo pretende administrar um crescimento de 4% do PIB em 1996. "Queremos manter um crescimento moderado", afirma. "O ritmo observado no início do ano passado iria destruir o Plano Real e é importante que este episódio não se repita, pois o custo de estancar uma tendência é muito alto." Segundo Lopes, o BC vai continuar fazendo tudo o que for possível para salvar o Plano Real toda vez que ele for ameaçado. Leia abaixo os principais pontos da entrevista.

Juros — O juro teve seu nível máximo em março de 1995 e vai continuar caindo devagar. É um instrumento de política monetária e vamos calibrá-lo de acordo com nossa programação monetária para o ano, que deverá ser definida na próxima reunião do Conselho Monetário Nacional. O BC vai continuar fazendo o

possível para salvar o Plano Real.

Desemprego — A taxa de desemprego no Brasil não é grave. É menor do que há um ano e o governo tem se preocupado em tomar medidas preventivas. O problema do desemprego tem a ver com questões estruturais e exige soluções estruturais. É importante observar que é preciso evitar o excesso de ativismo da política econômica. O necessário é buscar regras estáveis e o importante é entender que a política monetária feita hoje tem a ver com o que vai acontecer daqui a seis meses. Se você começa a intervir olhando para hoje, pode-se criar desequilíbrios. Por isso, é importante manter o sentido de gradualismo e equilíbrio.

Liquidez — Como fizemos um "go-around" de títulos de R\$ 3 bilhões, o mercado se atrapalhou nas contas sobre o fluxo de recursos. Estamos numa fase em que o mercado está aprendendo a operar com inflação baixa e flutuação de taxa. A evolução da liquidez do dia-a-dia depende de muitos fatores, todos eles conhecidos, como a demanda de moeda manual e oferta externa.

Em janeiro, não houve liberações do Proer (o programa de estímulo a fusões de bancos) nem há mais nada de importante previsto nos contratos já assinados. Podemos dizer que em janeiro não houve pressão monetária do Proer e acho que não haverá em fevereiro por conta das operações já realizadas.

Exportação — O desafio para o crescimento brasileiro é estimular as



Chico Lopes: "Ritmo de crescimento do início do ano passado iria destruir o Plano Real"

TAXA DE POUPANÇA DEVE SER ESTIMULADA

jar o desenvolvimento com poupança externa, temos que ser auto-suficientes.

Conjuntura — A recessão catastrófica prevista por vários consultores não se confirmou neste início de ano, nem no final do ano passado. Diziam que iríamos ver sangue derramado. A política monetária visou libera-

ções de compulsório, crédito e redução gradual da taxa de juros com o objetivo de promover uma aterrissagem suave do ritmo de crescimento para 4%. A passagem dos 10% para 4% causou desconforto em função justamente das previsões negativas. A produção industrial foi afetada e os estoques ficaram insuficientes. O que deverá acontecer agora é que a produção terá de se intensificar. A produção que não houve no final do ano passado se transferiu para este início de ano. Olhamos isso com tranquilidade.

TR — O BC tem preocupação de preservar o sistema financeiro, mas não tem preocupação de dirigir recursos para um ou outro produto. O BC tem o compromisso de anunciar

alterações na TR com aviso prévio e vamos honrar o compromisso.

Fundos — Até 17 de janeiro, a nova estrutura de fundos de investimento captou R\$ 2,6 bilhões líquidos, provando que a previsão de que a nova regulamentação iria destruir este segmento claramente não aconteceu. As críticas de que a maioria dos recursos vão para o fundo de curto prazo não fazem sentido. Em primeiro lugar, isso mostra que o sistema financeiro estava pagando juro demais para o curto prazo, pois o dinheiro permaneceu. Nossa expectativa é que parte do dinheiro depositado nos fundos de 60 dias migre mesmo para o curto prazo. Esse dinheiro é de curto prazo mesmo. Está acontecendo o que imaginávamos.

Norma Albano/AE — 1/12/94